ESCUTA DAS ENTRELINHAS: SIGMUND FREUD E A LITERATURA ENQUANTO REGISTRO DA SUBJETIVIDADE

LISTENING TO THE BETWEEN THE LINES: SIGMUND FREUD AND THE LITERATURE AS A SUBJECTIVITY RECORD

Frederico de Lima Silva[1]

RESUMO: A literatura/linguagem literária possui uma capacidade singular de expressão dos dilemas, dos sentimentos, das vicissitudes, da realidade externa e interna, dos traumas e de muitos outros elementos que compõem a subjetividade humana. Partindo dessa premissa, o presente trabalho tem como objetivo apresentar algumas considerações acerca de como a literatura/linguagem literária representa um importante ingrediente de expressão da subjetividade humana, sendo resultante de um diálogo entre o racional e o imaginário individual e coletivo, os quais compõem o itinerário humano desde tempos imemoriais. Para tanto, utilizaremos como baldrame teórico os postulados de estudiosos da teoria literária, da historiografia e, em especial, os argumentos expressos pelo fundador do argumento psicanalítico, Sigmund Freud.

Palavras-chave: Literatura. Subjetividade. Linguagem. Psicanálise.

O grande tema da literatura já não é a aventura do homem lançado à conquista do mundo externo, mas a aventura do homem que explora os abismos e as cavernas da sua própria alma.

Ernesto Sábato

Considerações iniciais

Apesar de a literatura constituir um elemento presente na dinâmica humana desde tempos imemoriais, tendo sua instituição amalgamada à própria fundação do ser humano enquanto ser social, muito ainda se discute acerca do seu papel no processo de instituição da civilização. A utilização do texto literário como registro histórico ainda enfrenta, em alguns meios, o questionamento sobre até que ponto podemos fazer de uma criação ficcional um documento válido para o ambiente científico.

[1] Doutorando e mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da paraíba. Bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ-PB). Especialista em teoria Psicanalítica pela União Brasileira de Faculdades. Membro do Grupo de Pesquisa em Literatura, Gênero e Psicanálise (LIGEPSI-UFPB). Lattes: http://lattes.cnpq.br/3527171068588687, Orcid: https://orcid.org/0000-0002-0603-7635 , E-mail: fredlimaf2@gmail.com

Sabe-se, por exemplo, que a literatura e a história, mesmo representando campos próprios do saber, têm no contexto social a matéria-prima para alimentar suas produções e com a qual estão indissociavelmente atreladas. Mesmo que, por um lado, a história se debruce sobre a objetividade, afaste-se do elemento mítico rumo à concretude dos fatos que repousam no assentamento textual e, por outro, a literatura faça o conteúdo arquetípico dos símbolos míticos seu elemento de maior enquadre, ambas se encontram enredadas uma à outra em suas diferenças e similitudes. Como aponta Lima (1983), ao colocar lado a lado o texto histórico e o literário:

> [...] há descrições de lugares, de pessoas, de leis; ambos contêm a representação de vícios e virtudes; em ambos, a amplificação, a variedade e as digressões são apropriadas; e ambos ensinam, deleitam e, ao mesmo tempo, beneficiam. Diferem, contudo, em que o historiador, ao narrar sua história, conta-a exatamente como sucedeu e nada acrescenta, ao passo que ao poeta é permitido acrescentar o que deseje. (LIMA, 1983, p. 242-243)

Ainda que existam questionamentos acerca do que se pode considerar documental na literatura, é quase um consenso a sua capacidade *sui generis* de expressar as vicissitudes humanas. Desse ponto de vista, o texto literário comporta duas vias concomitantemente importantes: a primeira é a de dar lugar aos dilemas particulares e coletivos do ser humano; a segunda é a de fazer refletir e construir novas significações a partir dos efeitos provocados pelo contato com ela. Em ambos os casos, o que podemos observar é, talvez, aquilo que há de mais particular em relação à essência da sua composição: a subjetividade como característica inata da literatura, haja vista que ela é, acima de qualquer outra constatação, o resultado do estranhamento entre o seu autor e a realidade a qual se comprometeu a representar.

O estudo dessa premissa, embora já muito debatida no meio científico, e não apenas pelos estudiosos da literatura em si, não padece de saturação; isso porque, enquanto convergência de vários elementos, ora conscientes, ora inconscientes do itinerário humano, bem como registro do percurso instituidor da civilização, a literatura não se encerra em si mesma.

Diante dessa conjectura, este manuscrito pretende realizar, por meio de uma revisão de literatura, algumas ponderações acerca de como a literatura/linguagem literária consegue vislumbrar questões típicas da subjetividade humana, sendo ela tanto registro, como ponte para os processos de subjetivação[2] humana, os quais podem ser entendidos como o conjunto

[2] Em psicanálise, subjetivação designa o processo de formação e/ou condução da subjetividade

de elementos conscientes e inconscientes que constituem o sujeito. Salientamos a importância desta investigação como uma contribuição singela, porém consistente no que diz respeito às configurações e aos signos da literatura enquanto processo de manifestação, de expressão da subjetividade, acreditando que, depois de publicada, possa servir como material de apoio para novas e mais profundas pesquisas.

Literatura e representação da subjetividade

Antes que possamos adentrar em quaisquer discussões acerca da literatura e o seu papel na vida humana, cabe-nos, sem dúvida, o questionamento: o que é literatura? Etimologicamente, literatura deriva do termo grego *littera* e do latino *litteraura*, ou seja, conforme podemos observar, sua origem remete à escrita, à produção textual, à erudição e à arte de escrever. Sendo escrita e produção textual, a literatura está intrinsecamente ligada à história humana, sua historiografia, compondo importante objeto de estudo para o entendimento dos percursos civilizatórios da humanidade.

Aristóteles, um dos mais célebres filósofos da Antiguidade Clássica, cujos textos ainda são extremamente atuais e relevantes, atribuiu à literatura um caráter de "imitadora da realidade". Segundo ele, arte literária consiste em uma *mimesis*, isto, a arte que imita por meio da palavra. Aristóteles fez da mimética (teoria da *mimesis*) uma marca inerente à natureza da arte literária. Tendo isso em vista, dois horizontes distintos e, ao mesmo tempo, complementares, são apresentados:

> Considerada em seu valor aparente, sugere que a literatura imita ou reflete a vida; por outras palavras, a temática da literatura consiste nas múltiplas experiências dos seres humanos, em suas vivências [...]. O segundo e importante ponto sugerido pela teoria da imitação é que a vida está sendo imitada no sentido de ser reinterpretada e recriada." (DANZIGER; JOHNSON, 1974, p. 18-21)

Embora pareçam apontar para caminhos distintos, ambas as direções parecem-nos indicar dois pressupostos em comum: o primeiro é o de que, de fato, a literatura imita a vida, pois é fruto da vivência e subjetividade humanas; o segundo é o de que, embora *mimesis*, imitação, "a literatura é uma transfiguração artística das experiências humanas, mas nunca se reduz a estas" (GOUVEIA, 2009, p. 22). Sendo assim, parece-nos que a literatura, mesmo estando ligada à realidade concreta, não pode ser limitada a uma mera reprodução desta, da mesma forma que a realidade se encontra presente em qualquer texto ficcional, mas não precisa necessariamente remeter-se a ela em sua totalidade.

Gouveia (2011) expõe que esta ainda é uma das problemáticas mais recorrentes acerca da criação literária: a relação direta entre a realidade e a literatura. Embora estejam implícita e explicitamente ligadas, e que seja clara a possibilidade de identificar semelhanças, realizar aproximações, jamais devemos concatená-las por meio de reduções. Nas palavras do autor:

> A literatura parte da realidade, mas não é a realidade. Da mesma forma, a realidade está presente em qualquer texto fictício, por mais fantasioso que seja. Mas a realidade não pode ser confundida com o trabalho artístico da ficção […]. A literatura não é cópia da realidade, mas uma recriação que sempre faz recortes parciais do mundo externo. Entre o mundo externo e a literatura há um conjunto de mediações que transformam os conteúdos reais em conteúdos ficcionais, conferindo-lhes uma forma especial que não encontramos na vida prática. (GOUVEIA, 2011, p. 13)

Esses conteúdos ficcionais aos quais o autor se refere podem ser entendidos como signos literários, isto é, combinações de elementos que, embora resultem numa vontade de comunicação, "não pretendem descrever ou afirmar e, portanto, não são verdadeiras nem falsas [...]. Em literatura, as questões de realidade ou de verdade estão subordinadas ao objectivo literário essencial, que é produzir uma estrutura verbal que encontra a justificação em si própria" (TODOROV, 1978, p. 22). Daí advém o fato de que "a literatura não se esgota no conceito de que é aquela que se constrói através da linguagem em um suporte material, a obra" (ORANGE, 2012, p. 2).

Terry Eagleton (1997), em seu conceituado escrito *Teoria da Literatura: uma introdução*, vai mencionar tais signos literários como "ingredientes". O crítico literário britânico descreve o texto literário como não tendo "uma finalidade prática imediata" (EAGLETON, 1997, p. 10), sobretudo, porque ela "não pode ser, de fato, definida 'objetivante'" (p. 11). Nessa conjuntura, vemos um ponto em comum ao pensamento de Todorov (1978), pois Eagleton assiná-la que, muito embora o texto literário possua, em si, aspectos distintos que o caracterizam, "a definição de literatura fica dependendo da maneira pela qual alguém resolve *ler*, e não da natureza daquilo que é lido" (p. 11), isto é, o texto literário é, em si, literário, mas para classificá-lo como literário é preciso que o leitor o veja como sendo dessa ordem. A esse respeito, Sartre possui uma interessante afirmação. Segundo o autor:

> O ato criador não é senão um momento incompleto e abstrato da produção de uma obra; se o autor existisse sozinho, ele poderia escrever tanto quanto quisesse, nunca a obra como *objeto* seria conhecida e seria preciso que ele desistisse de escrever ou se desesperasse. Mas a operação de escrever implica a de ler como seu correlato

> dialético e estes dois atos conexos necessitam de dois agentes distintos. (SARTRE apud COMPAGNON, 2009, p. 143)

Enquanto expressão da linguagem humana, a literatura também se inscreve no itinerário humano, nos alicerces que sustentam o desenvolvimento da civilização. Não à toa, mesmo que a arte literária produza obras que ultrapassam eras, não é matéria atemporal, e sim produto do seu próprio tempo, embora detenha a capacidade de se renovar, dissipando, a seu modo, as amarras do tempo e conferindo-lhe caráter atual. É graças ao fato da linguagem literária, do registro literário ser, também, matéria constituída dos aspectos sociais e históricos de um período, que ela representa um importante elemento de estudo historiográfico. A esse respeito, e de forma mais ampla, SILVA (2017) pondera que:

> Dessa forma, toda e qualquer narrativa, seja ela histórica, literária ou qualquer outra, constitui uma representação acerca da realidade (externa ou interna ao sujeito). Sendo assim, tanto a historiografia como a literatura procuram compreender a produção e a recepção desses textos, pois assumem o pressuposto de que o eixo escrita-linguagem-leitura é indissociável, estando contido em cada texto que, por sua vez, é o produto responsável pela intermediação entre o seu produtor e o seu receptor, articulando os importantíssimos mecanismos de comunicação e veiculação das representações, das subjetividades individuais e coletivas. (SILVA, 2017, p.31)

Sendo, também, registro, a literatura consegue dá ao ser humano a oportunidade de revisitar tanto o que já se passou em seu exterior, como, de igual maneira, o seu interior, afinal, a linguagem literária faz refletir não apenas o texto e o tempo, mas fomenta no leitor a possibilidade de significar e/ou ressignificar as suas experiências particulares, bem como as coletivas. A esse respeito, Compagnon (2009) assinala que:

> Uma segunda definição do poder da literatura, surgida com o século das luzes e aprofundada pelo romantismo, faz dela não mais um meio de instruir deleitando, mas um remédio. Ela liberta o indivíduo de sua sujeição às autoridades, pensavam os filósofos; ela o cura, em particular, do obscurantismo religioso. A literatura, instrumento de justiça e de tolerância, e a leitura, experiência de autonomia, contribuem para a liberdade e para a responsabilidade do indivíduo. (COMPAGNON, 2009, p. 34)

Retirando as amaras, a linguagem literária contribui para uma emancipação humana em relação aos seus tabus e medos. Nela, podemos ver inscritos não apenas a subjetividade e as vicissitudes alheias, mas também as nossas, como outrora assinalaram teóricos não apenas da literatura, mas expoentes de outras áreas do saber, tais como, por exemplo, a historiografia

e a psicanálise. E talvez resida nessa capacidade a marca fulcral da linguagem literária: a de constituir "one of the few remaining placeswhere, in a divided, fragmented world, a sense of universal value may still beincarnate; and where, in a sordidly material world, a rare glimpse of transcendence can still be attained" (EAGLETON, 1996, p. 208) e, ao mesmo tempo, particular.

Dessa forma, podemos asseverar que o trabalho com a literatura é o trabalho com a palavra, com a linguagem alimentada com o que há de mais inquietante na dinâmica associativa em que se desenvolve, isto é, na congregação da experiência particular do autor, da recepção do leitor e na influência do contexto social vigente. Essa integração garante, em todas as posições, a existência do caráter subjetivo, haja vista que a subjetividade diz respeito ao que há de mais íntimo e próprio de cada sujeito.

Uma subjetividade que está intrinsecamente ligada a cada um, como a própria vida está ligada ao ser vivo, isso porque, ao escolher determinado foco e direcionamento em sua escrita, optando por um caminho e não outro, o autor, consciente e inconscientemente, dá ao texto partes de si, da sua própria história. Por essas e outras que, ao se deparar com o escrito literário, o leitor, se quiser chegar o mais próximo possível da "verdade" nele inscrita, deve ir além do "que" e do "como", com vista a atingir o "por quê".

Se, a priori, a subjetividade parece ensejar uma barreira entre o autor-texto-leitor, a posteriori veremos que é o trabalho inerente a essa relação que promove o que, talvez, há de mais precioso no encontro do sujeito com o texto literário, o seu poder catártico[3], epifânico. Encontro que começa no autor, pois há muitas formas e direcionamentos para uma narrativa, mas não há textos iguais em essência, afinal, por mais que um texto possa ser parecido com outro, algo de particular na escrita do autor sempre irá diferenciá-los no processo de construção textual.

Todavia, como sugere Possenti (1990, p. 13), o autor não tem condições de, por si só, controlar as possibilidades de interpretação de sua produção literária, sendo ele não todo, mas uma possibilidade a ser considerada no processo interpretativo, no qual cabe ao leitor a função de arbitrar tal situação. Destarte, podemos chegar ao entendimento de que, não importando em qual momento do processo interpretativo esteja, cada um dos três elementos desse processo mimético estará presente — sabendo que uns mais, outros menos —, como parte da

[3] Conforme Roudinesco e Plon (1998, p. 107), catarse é a "palavra grega utilizada por Aristóteles para designar o processo de purgação ou eliminação das paixões que se produz no espectador quando, no teatro, ele assiste à representação de uma tragédia. O termo foi retomado por Sigmund Freud e Josef Breuer, que, nos Estudos sobre a histeria*, chamam de método catártico o procedimento terapêutico pelo qual um sujeito consegue eliminar seus afetos patogênicos e então ab-reagi-los, revivendo os acontecimentos traumáticos a que eles estão ligados".

dinâmica geradora de sentido que incorpora o encontro entre quem escreve e quem lê (RICOEUR, 1990).

Diante do exposto, partimos para o que descreve Rancière (2009, p. 37-38) em seu celebrado *L'inconscient esthétique*, onde o autor articula que o trabalho do escritor, geólogo ou arqueólogo dos arquétipos intrínsecos ao texto literário "fait en un sens ce que fera le savant de L'Interprétation des rêves", isto é, que todo o detalhe importa, tanto na interpretação literária, como na investigação onírica, pois neles "n'y a pas d'insignifiant", haja vista que tudo o que se insere no texto e no sonho, ambas matérias da subjetividade, "sont les signes das lesqueles se chiffre une histoire". Em outras palavras, o que se inscreve na linguagem literária e na essência dos sonhos habita o mesmo âmbito na construção da subjetividade humana, porque a literatura, assim como a disciplina freudiana, que vê nos sonhos registros do inconsciente tentando tangenciar-se, transcreve "les gestes inconscientes de l'être qui passent leurs mains lumineuses à travers les créneaux de cette enceinte d'artifice où nous sommes enfermés [...], la main qui ne nous appartient pas et qui frappé aux portes de l'instinct" (MAETERLINCK, 1985, apud RANCIÈRE, 2009, p. 40).

Literatura e psicanálise: matéria prima e ferramenta

Essa visão compartilhada por teóricos e críticos da literatura não é exclusiva dessas alçadas. Célebres pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento também se debruçaram sobre a literatura, vendo em sua expressão um registro único e extremamente frutífero da constituição humana, como, por exemplo, Sigmund Freud (1856-1939), pai da teoria psicanalítica, o qual se utilizou da literatura como subsídio e, consequentemente, alicerce para sinalizar e asseverar muitos dos seus mais importantes postulados.

A literatura e a psicanálise sempre mantiveram, desde os primórdios da teoria psicanalítica, laços estreitos uma com a outra, porque foi na literatura que Sigmund Freud encontrou o alicerce que precisava para postular as primeiras, e quiçá mais importantes, teorias da sua recém-criada psicoterapia. Isso se deu, principalmente, devido ao fato de o fundador da psicanálise ser um profundo entusiasta da arte literária, a qual conseguia, por meio de um olhar sensível e analítico, vislumbrar uma narrativa dos sintomas. Para Freud, como nos conta Simões (2017, p. 160), a linguagem literária "pode ser tomada como expressão do inconsciente para, mediante as palavras, apreender a experiência do corpo com a realidade.

Há um rumor em cada discurso, uma palavra dita, uma palavra não dita, uma reticência, uma interrogação. Há uma aposta no desejo do sujeito. Esse rumor interessa à Psicanálise".

Por meio de uma experiência traumática própria, a morte paterna, a qual o inquietou demasiadamente, Freud lançou mão da arte literária para consubstanciar e elaborar um entendimento acerca do acontecido. Em uma correspondência de 15 de outubro de 1897, endereçada a um dos seus maiores correspondentes, Wilhelm Fliess, Freud expõe como a angústia causada pela morte de seu pai lhe ocasionou um embate particular, digna de uma autoanálise, e de como a tragédia de Sófocles teria contribuído para essa elucubração:

> Uma única ideia de valor geral despontou em mim. Descobri, também em meu próprio caso, o fenômeno de me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora o considero um acontecimento universal do início da infância, mesmo que não ocorra tão cedo quanto nas crianças que se tornam histéricas. (Semelhante à inversão da filiação |romance familiar na paranoia — heróis, criadores da religião.) Se assim for, podemos entender o poder de atração do *Oedipus Rex*, a despeito de todas as objeções que a razão levanta contra a pressuposição do destino; e podemos entender porque o "teatro da fatalidade" estava destinado a fracassar tão lastimavelmente. Nossos sentimentos se rebelam contra qualquer compulsão arbitrária individual, como se pressupõe em *Die Ahnfrau* e similares; mas a lenda grega capta uma compulsão que todos reconhecem, pois cada um pressente sua existência em si mesmo. Cada pessoa da plateia foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia, e cada uma recua, horrorizada, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, com toda a carga de recalcamento que separa seu estado infantil do estado atual. Passou-me fugazmente pela cabeça a ideia de que a mesma coisa estaria também na base do Hamlet. Não estou pensando na intenção consciente de Shakespeare, mas creio, ao contrário, que um acontecimento real tenha estimulado o poeta a criar sua representação, no sentido de que seu inconsciente compreendeu o inconsciente de seu herói. Como é que Hamlet, histérico, justifica suas palavras: "E assim a consciência nos torna a Iodou covardes"? Como explica sua hesitação em vingar o pai através do assassinato do tio — ele, o mesmo homem que manda seus cortesãos para a morte sem nenhum escrúpulo e que é positivamente precipitado ao assassinar Laertes? Como explicá-lo senão pela tortura que ele sofre em vista da obscura lembrança de que ele próprio havia contemplado praticar a mesma ação contra o pai, por paixão pela mãe, e — "a se tratar cada homem segundo seu merecimento, quem 'escapara do açoite'"? Sua consciência moral é seu sentimento inconsciente de culpa. (FREUD, 1986 [1887-1904], p. 273 itálicos do autor)

Mediante sua experiência traumática, aliada ao texto literário, Freud pôde encontrar as bases para aquela que seria uma de suas mais importantes postulações: o complexo de Édipo, a qual abarcaria, por sua vez, um dos maiores conflitos psíquicos acerca do amor filial e paternal: o temor da castração. Acerca da castração, que não possui a mesma conotação atribuída pelo senso comum, Ferreira (2004, p. 9) afirma que todas as nossas dinâmicas amorosas, e até o próprio entendimento de amor perpassam a posição assumida

subjetivamente pelo sujeito em relação à castração, “que deve ser entendida como a inserção do real como representante do impossível nessa estrutura psíquica”. À vista disso, a correlação entre a descoberta freudiana e o texto de Sófocles foi incorporada à sua teoria por meio da obra *A Interpretação dos Sonhos*, onde Freud (1900) explicita seu axioma e o nomeou de forma a indicar sua validade no seio da civilização desde os alicerces da literatura:

> Essa descoberta é confirmada por uma lenda da Antiguidade Clássica que chegou até nós: uma lenda cujo poder profundo e universal de comover só pode ser compreendido se a hipótese que propus com respeito à psicologia infantil tiver validade igualmente universal. O que tenho em mente é a lenda do Rei Édipo e a tragédia de Sófocles que traz o seu nome. (FREUD, 1972 [1900], p. 277)

Tendo a associação livre, isto é, a disponibilidade de se falar sem obstáculos, censuras ou tabus, como seu principal elemento de investigação, parece-nos ainda mais distintivo o porquê da ligação tão consistente entre a psicoterapia freudiana e a literatura. Freud (1913/1969), ao iniciar cada nova sessão de análise, manifestava sempre aquela que seria a principal, e talvez única, regra para que a análise pudesse ocorrer. Segundo o célebre psicanalista:

> Diga, pois, tudo que lhe passa pela mente. Comporte-se como faria, por exemplo, um passageiro sentado no trem ao lado da janela que descreve para seu vizinho de passeio como cambia a paisagem em sua vista. Por último, nunca se esqueça que prometeu sinceridade absoluta, e nunca omita algo alegando que, por algum motivo, você ache desagradável comunicá-lo. (FREUD, 1913/1969, p. 136)

O célebre psicanalista percebeu que, mesmo com a liberdade de poder falar sem amarras, os pacientes nunca falavam diretamente sobre o(s) trauma(s) originários de seus sintomas, mas, inconscientemente, arquitetavam formas de o fazê-lo por meio de uma narrativa que, se observada em suas entrelinhas, poderia ser o caminho para a resolução dos seus conflitos psíquicos, haja vista que “a atenção aos detalhes é consubstancial a uma conduta científica preocupada em ouvir as palavras exatas de um paciente, em saborear o discurso preciso de um escritor” (BELLEMIN-NÖEL, 1978, p.19).

Dessa forma, percebe-se que Freud não aproximou a literatura da psicanálise apenas como mero elemento validador da sua teoria, mas como signo testemunhal e, ao fazê-lo, teve o cuidado de não permitir que a sua teoria se “sobressaísse em relação ao texto, à escrita literária e à particularidade dos escritores em relação ao acesso, que possuem, ao inconsciente”

(SILVA, 2017, p. 104), ou seja, teve “a sensibilidade e a prudência de não sobrepor uma à outra, mas atribuir a cada uma sua importância no processo de investigação das lacunas que nos perfazem” (p. 104).

Isso importa dizer que, independentemente do esteio semiótico em que se enquadre, a literatura, assim como as demais expressões artísticas, conserva uma relação estreita com o saber psicanalítico. Se, de um lado, temos um registro da subjetividade humana, a qual Freud cunhou como sendo de acesso privilegiado ao inconsciente, do outro dispomos de um instrumento propício à leitura desse documento subjetivo, tendo em vista que a psicanálise é, em primeira e última instâncias, a arte de ler o sintoma escrito/inscrito na constituição de cada sujeito e lhe oferecer uma interpretação possível. Como salienta Rodrigues (2013, p. 24) “O excepcional dessa relação recai sob o poder da linguagem, na apropriação desse instrumento que nos arremessa ao campo do desejo invariante, do gozo sem plena satisfação, instituindo-nos, à revelia do Ego, a falta”.

Em outras palavras, Freud (1969 [1913]) viu na linguagem literária uma potência criacionista singular, capaz de dar lugar aos mais variados aspectos da psique humana, tanto do seu consciente, como do seu inconsciente, os quais influenciam, de forma crucial, a dinâmica civilizatória. No seu ponto de vista, “as forças pulsionais da arte são os mesmos conflitos que impulsionam outros indivíduos à neurose e que incentivaram a sociedade a construir suas instituições” (p. 189).

Considerações finais

Como evidenciamos, brevemente, ao longo desta pesquisa, nosso objetivo foi o de demonstrar como a literatura/linguagem literária compreende uma dimensão privilegiada para observação da dinâmica dos processos de subjetivação humana, pois a literatura é perpassada por inúmeros elementos que compõem e formam a nossa subjetividade, tais como, por exemplo, nossos traumas, dilemas, vicissitudes, isto é, forças capazes de fomentar a criação artística, o registro histórico, a reflexão particular e coletiva acerca dos elementos que compõem o itinerário civilizatório.

Ao trazermos, aqui, a figura do fundador psicanálise, bem como a própria teoria da mente, propomo-nos demonstrar como a relação entre a literatura e a psicoterapia freudiana verbaliza o registro subjetivo inerente à linguagem literária. Essa associação, vale-nos ressaltar,

não se restringiu à fundamentação dos pressupostos psicanalíticos, mas a própria escrita freudiana, a qual não apenas detalhava e teorizava aspectos da subjetividade alheia, mas constituía-se, ela mesma, de uma escrita subjetiva que é reconhecida por muitos como digna de leitura estética (MAHONY, 1992).

Por sua vez, pudemos ver nas bases e no desenvolvimento da psicoterapia freudiana como a literatura/linguagem literária possui um caráter, uma força pulsional, a qual, mesmo sublimada[4] e desterritorializada, encontra-se em constante estado de manutenção e registro das internalidades anímicas do ser humano, numa relação que não possui início nem fim, pois se encontra amalgamada a própria instituição do homem enquanto ser de enlaces míticos e sociais. A literatura, do ponto de vista psicanalítico, pode ser tida não apenas como ponte, mas, sobretudo, como instrumento de subjetivação, ao qual, mesmo diante das leis que operam o processo civilizatório e prendem o sujeito ao chão e a concretude de sua realidade externa, permite-lhe experimentar um voo. Nas palavras do próprio psicanalista, permite-nos "gozarmos com nossas fantasias sem censura e vergonha" (Freud, 2015 [1908], p. 64).

Diante do exposto, resta-nos sinalizar que esta pesquisa possui caráter meramente introdutório no que diz respeito ao potencial representativo da literatura enquanto elemento de representação, registro e sustentáculo da subjetividade. Embora o debate em torno desse diálogo já tenha proporcionado a produção de muitas obras, acreditamos que o material resultante desta pesquisa constitui um importante acréscimo a essa base bibliográfica, promovendo a ampliação das discussões e estimulando, enquanto base teórica, a produção de estudos posteriores.

ABSTRACT: Literature/literary language has a unique ability to express dilemmas, feelings, vicissitudes, external and internal reality, traumas and many other elements that make up human subjectivity. Based on this premise, the present work aims to present some considerations about how literary literature/language represents an important ingredient of expression of human subjectivity and resulting from a dialogue between the rational and the individual and collective imaginary, which make up the itinerary human since time immemorial. For this purpose, we will use as a theoretical framework the postulates of scholars of literary theory, historiography and, in particular, psychoanalytic.

Keywords: Literature. Subjectivity. Language. Psychoanalysis.

[4] Segundo nos orientam Laplanche e Pontalis (p. 495), trata-se do "processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Freud descreveu como atividades de sublimação principalmente a atividade artística e a investigação intelectual".

REFERÊNCIAS

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Belo Horizonte: editora UFMG, 2009.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria:* literatura e senso comum. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

DANZIGER, Marlies K.; JOHNSON, Wendell Stacy. *Introdução ao Estudo Crítico da Literatura*, São Paulo: Cultrix, 1974.

EAGLETON, Terry. *Literature Theory: an introduction,* 2. ed. Londres: Blackwell Publishers Ltd, 1996.

FREUD, Sigmund. (1887-1904). *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1986.

FREUD, Sigmund. (1900). Interpretação dos sonhos. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

FREUD, Sigmund. (1908). Transitoriedade. In: *Arte, Literatura e os artistas*, 1 ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

FREUD, Sigmund. (1913). O interesse científico da psicanálise. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GOUVEIA, Arturo. *Introdução aos Estudos Literários*. In: ALDRIGUE, Ana Cristina S.; FARIA, Evangelina Maria Brito de. (Org.) *Fascículo*, 3. ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB. 2009.

GOUVEIA, Arturo. *Teoria da Literatura:* fundamentos sobe a natureza da literatura e das categorias narrativas, João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

LAPLANCHE, Jean.; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário* da *psicanálise,* 4a ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*, 2. ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

MAHONY, Patrick. *Freud como escritor*, Rio de Janeiro: Imago, 1992.

ORANGE, Dolores. A contribuição da discussão sobre a importância literária no processo de formação de novos leitores. In*: Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil*, 2012, Porto Alegre. Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil, Porto Alegre., 2012. Disponível em:

<https://editora.pucrs.br/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S5/doloresorange.pdf> Acesso em 25 de maio de 2020.

POSSENTI, Sírio. *A leitura errada existe*. Leitura: teoria e prática, v. 9, n. 15, p. 12-16, 1992.

RANCIÈRE, Jacques. *L'inconscient esthétique,* Paris: Galilée, 2001.

RODRIGUES, Hermano de França (Des)encontros com o tempo: semioses da fantasia literária. In: *Revista Graphos,* vol. 15, n° 2, 2013, pp. 23-34. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/view/16377/10020> Acesso em 23 de novembro de 2020.

RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*, Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SIMÕES, Regina Beatriz Silva. Psicanálise e Literatura: o texto como sintoma. In: *Analytica,* São João del-Rei, v.6, n. 11, julho/dezembro de 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v6n11/09.pdf**Erro! A referência de hiperlink não é válida.**

SILVA, Frederico de Lima. *Literatura e Violência*: efeitos do desmentido na contística de Rinaldo de Fernandes. 205 f. Dissertação [Mestrado em Letras] – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

TODOROV, Tzvetan. *Os Géneros do Discurso*, Lisboa: Edições 70, 1978.